

Novas histórias e perspectivas sobre a África contemporânea

ZUBERI, Tukufu. *Independência Africana: Como a África Contemporânea redefiniu o mundo*. 1ª Edição. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

Rogéria Cristina Alves*

“No passado as potências coloniais ocidentais saquearam a África, enviando carregamentos de marfim, ouro, borracha, sal e, é claro, pessoas escravizadas. Hoje, a África continua sendo uma cornucópia de riqueza.” (ZUBERI, 2021, p. 130)

A epígrafe deste texto fornece um pequeno vislumbre do pensamento dinâmico e rico em informações históricas com o qual o professor Tukufu Zuberi conduz os leitores de seu mais recente livro, “*Independência Africana: Como a África Contemporânea redefiniu o mundo*”. O livro apresenta um relato cheio de detalhes, do ponto de vista histórico, do chamado processo de independência africana. A pesquisa do professor Zuberi é baseada em relatos orais, entrevistas com líderes africanos e participantes deste movimento, que alcançou diferentes países em meados do século XX. A narrativa em questão é sensível e ilustrada com várias imagens. Essa riqueza de fontes históricas utilizadas pelo autor (relatos, entrevistas, bibliografias, fotos) também contribui para um importante debate atual: reforça a perspectiva metodológica dos trabalhos que tratam da História e que separam a escrita da História de narrativas ficcionais ou de opiniões somente.

Tukufu Zuberi é professor de sociologia, demografia e estudos africanos na Universidade da Pensilvânia (EUA). Já foi professor visitante na Makerere University em Campala, Uganda, e na University of Dar es salaam, na Tanzânia. No âmbito das produções audiovisuais, o professor Zuberi apresentou e coproduziu a série televisiva norte-americana “*History Detectives*”. É também autor e produtor do documentário *African Independence* — ganhador de vários prêmios, incluindo o de melhor documentário e de melhor direção. Segundo o próprio Zuberi, o livro que apresentamos neste texto é uma espécie de acompanhamento deste documentário.

* Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Faculdade de Educação. Professora Doutora em História Social da Cultura. E-mail: rogeria.alves@uemg.br. Este trabalho foi apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), através da chamada nº4/2018, do Programa de Capacitação de Recursos Humanos (PCRH) para servidores efetivos do Estado de Minas Gerais vinculados às instituições de ensino e pesquisa.

Lançado em língua portuguesa pela Editora *Brazil Publishing*, o livro está subdividido em quatro capítulos, ricamente ilustrados por fotografias que compõem o acervo pessoal de seu autor. Logo na introdução, Zuberi expõe sua visão acerca dos acontecimentos que irá narrar, referentes à história dos processos de independência de alguns países africanos. Tais fatos históricos são compreendidos pelo autor numa perspectiva macro, na qual a história africana está inserida no contexto da história mundial e a influencia fortemente.

No primeiro capítulo da obra, chamado de “*Do colonialismo ao Pan-Africanismo – O impacto da Segunda Guerra Mundial*” o autor analisa o papel da Segunda Guerra Mundial e do Congresso Pan-Africano enquanto catalisadores para o movimento de independência, que rapidamente se espalhou pelo continente africano. Neste sentido, o autor também demonstra como as colônias africanas foram essenciais no cenário da Segunda Guerra, fornecendo mão de obra e materiais, além da vital participação de soldados africanos nas lutas contra os regimes fascistas. Ao final do capítulo, o autor reflete sobre os impactos que estas participações exerceram sobre o colonialismo e elenca o percurso de encontros e formação do Congresso Pan-Africano.

No segundo capítulo, “*O fim do domínio colonial – Início da Independência*” são analisadas as mudanças ocorridas no continente africano no contexto histórico após a Segunda Guerra Mundial. A investigação de Zuberi sobre as origens do movimento de independência vai além das fontes escritas e encontra o relato oral de Samia Nkrumah — filha do líder ganês Kwame Nkrumah. Quando indagada sobre o motivo que levou a independência de Gana, ocorrida em 1957, a se tornar um marco fundamental na história do continente africano, Samia responde que não fora uma mera coincidência que no chamado ano da África, 1960, outros 17 países africanos conquistaram a independência. E afirma que Gana estava ajudando ativamente nos movimentos de libertação. No fechamento deste capítulo, o autor reflete sobre a instalação de regimes ditatoriais, apoiados pelos Estados Unidos ou pela extinta União Soviética, nos países africanos recém-independentes. E conclui que no contexto da Guerra Fria, os países africanos forneciam importantes matérias-primas, como o urânio e cobalto, e que, portanto, o controle e a influência sobre estes governos incipientes também eram alvos de disputas.

O terceiro capítulo “*A África na Guerra Fria – Repressão e Libertação*” trata exatamente dos impactos da Guerra Fria no continente africano. Há uma ênfase sobre o surgimento, naquele contexto, de uma nova espécie de líder: aqueles que conquistavam o apoio internacional, agindo em conformidade com os interesses dos Estados Unidos ou da União Soviética. Zuberi analisa como estas superpotências encorajaram politicamente os

movimentos de independência, tanto na África quanto na Ásia. Neste sentido, o autor produz uma análise bem contextualizada da independência do Congo, tomando por base a história do líder Patrice Lumumba e envolvimento dos Estados Unidos no assassinato deste. Há também uma análise sobre o processo de independência da África do Sul, o regime de apartheid e a geopolítica da Guerra Fria.

O quarto e último capítulo “Abril de 1994 e além – Independência da África hoje” aborda a questão da independência africana não como um evento, mas como uma ideia. E essa percepção está presente em toda a obra de Zuberi: trata-se de uma nova ideia sobre o continente que prediz uma mudança na relação como a África é compreendida no mundo. Esse olhar, contudo, não é apartado da realidade. Zuberi enfatiza que o continente foi e ainda é suscetível à pobreza, às tensões étnicas, às epidemias e às turbulências políticas. Neste sentido, através do diálogo com figuras políticas importantes, como Kenneth Kaunda (ex-presidente da Zâmbia); Benjamin Mkapa (ex-presidente da República Unida da Tanzânia); entre outros, Zuberi constrói uma análise viva e dialogada de percepção dos próprios africanos sobre seu continente. E afirma que, apesar de todos contratemplos, a maior história africana é aquela de um continente em ascensão.

No contexto dos estudos africanos no Brasil, em decorrência da Lei nº 10.639/2003 — aquela que tornou obrigatório o estudo das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras na educação básica de todo o país — afirmamos que o livro traz uma importante contribuição, numa perspectiva contemporânea. Primeiramente, pela riqueza e qualidade das informações que o professor Zuberi disponibiliza em sua obra, como demonstramos. E em segundo lugar, por trazer à tona o continente africano numa perspectiva atual e condizente com a frase do historiador Joseph Ki-Zerbo: “Á África tem uma história”. Apesar de não se tratar da obra de um historiador, “Independência Africana: Como a África Contemporânea redefiniu o mundo” enfatiza aspectos históricos do continente sem excluí-lo da chamada história mundial. E neste sentido, Zuberi também contribui para alargar as fronteiras sobre o estudo da África no Brasil, que ainda se encontra muito limitado ao passado colonial brasileiro e à perspectiva da escravidão.

Uma outra questão importante que pode ser desenvolvida a partir desta leitura, diz respeito à questão da reparação histórica. No livro, Zuberi fala acerca da cidadania de segunda classe que sempre fora legada aos africanos e seus descendentes nas diferentes diásporas. Há um debate atual sobre possíveis formas de reparação histórica, das nações colonizadoras do continente africano — que envolve desde de pedidos formais de desculpas por séculos de exploração, tráfico de seres humanos e outras barbáries até restituição de

obras de arte e artefatos históricos que foram pilhados dos povos africanos e pagamentos em dinheiro. Uma problematização possível, seria nos questionar, em que medida estas ações de fato restauram, amenizam ou satisfazem as dívidas históricas que encobrem. Pois, lidas à luz deste importante livro, nos parecem ações atravessadas por um discurso extremamente paternalista e ligado a interesses políticos de nosso tempo — pouco distintos de exemplos ainda do contexto do movimento de independência, como o discurso dos belgas, sobre a independência do Congo Belga, em 1960, que na verdade estava atravessado por interesses de outras ordens.

Os processos de independência das diferentes nações africanas, relatados no livro, foram movimentos interpelados e atravessados pelos interesses econômicos das nações colonizadoras, como a França, a Inglaterra e outras. E também, vimos, que após as independências, há uma sucessão de golpes políticos/administrativos sobre os jovens e frágeis governos, pretensamente autônomos, que se instalam em países como o Congo, Gana, Serra Leoa. O livro revela uma série de interesses das nações colonizadoras em apoiar essa situação, mencionando, por exemplo, a utilidade vital que matérias-primas e produtos de origem africana vão desempenhar na economia destas nações colonizadoras, revelando o papel que a África possui no contexto da economia mundial até os dias atuais. Sem dúvidas, uma leitura fundamental para aqueles que querem conhecer mais acerca do continente africano e descolonizar o pensamento.

Recebido em: 15 de outubro de 2021.

Aprovado em: 21 de novembro de 2021.